

NARRATIVAS DE ENCONTROS E APRENDIZADOS NA/DA VIDA ACADÊMICA

NARRATIVES OF ENCOUNTERS AND LEARNING IN ACADEMIC LIFE

RAQUEL RINCO DUTRA PEREIRA

Rede Municipal de Ensino de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-7727-1752>**SANDRELENA DA SILVA MONTEIRO**

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-4920-6160>

RESUMO: Apesar de vários estudos conforme Paz (2016), Rocha (2015), Campos (2018), Maia (2018), apontarem para ocorrência de adoecimento discente no Ensino Superior, há número reduzido de pesquisas que investigam como os estudantes se comportam diante das situações de adversidades que encontram nesse percurso. Dessa forma, o objetivo geral deste artigo é divulgar um recorte de um estudo de mestrado em educação que investigou a existência de fatores estressores e/ou protetivos nos modos de ser e estar de estudantes de Cursos de Licenciatura. O pressuposto teórico está delineado pela Teoria da Logoterapia e Análise Existencial criada por Viktor Frankl. A metodologia pauta-se por uma pesquisa com uma abordagem qualitativa de cunho exploratório e descritivo. A coleta dos dados ocorreu por meio de diálogos com os participantes a partir da realização de grupos focais. Como resultado final, constatamos a importância de que os estudantes identifiquem e façam uso de fatores protetivos, o que pode os auxiliar no futuro exercício da docência.

PALAVRAS-CHAVE: adoecimento discente; ensino superior; pertencimento.

ABSTRACT: Despite several studies according Paz (2016), Rocha (2015), Campos (2018), Maia (2018), pointing to a high occurrences of student illness in higher education, the researchers who seek investigate how the students behave facing situations of diversity they found in their journey are still in few number. That way, this text is an except from a master's research in education who has as an object to investigate the existence of stressors and/or protective factors in the way of being of the students of degree course. The methodological approach chosen was qualitative, exploratory and descriptive seeking dialogue with the students through the conduct of the focus groups. The theoretical assumption is outlined by the Theory of Logotherapy and Existential Analysis created by Viktor Frankl. This study highlighted the importance of students identifying and using protective factors, which an also assist them in future teacher careers.

KEYWORDS: student illness; higher education; belonging.

INTRODUÇÃO

Um dos assuntos que tem causado inquietações e tem sido amplamente discutido na contemporaneidade refere-se a qualidade de vida e a saúde mental dos estudantes universitários, visto ao aumento na incidência do adoecimento discente. Esse fato pode ser confirmado nos estudos realizados por Paz (2016), Rocha (2015), Campos (2018), Maia (2018), Barreto (2015), Vicente (2015), Rigo (2016), Sampaio, Stobäus e Baez (2017) e dentre outras. Percebe-se portanto, que a vida acadêmica tem seus encantos, mas, em boa parte das vezes é áspera e, não raro, se constitui como fator de adoecimento.

Diante deste contexto, sentiu-se necessidade de estudar esse assunto. Por isso, o objetivo geral deste artigo é divulgar um recorte de um estudo de Mestrado em Educação realizado na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) que investigou a existência de fatores estressores e/ou protetivos nos modos de ser e estar de estudantes de Cursos de Licenciatura. Como desdobramento, buscou-se conhecer os fatores protetivos que podem contribuir para a superação dos desafios e favorecer a resiliência.

Na esfera pública enquanto docentes, percebe-se colegas adoecidos devido a fatores relacionados à desvalorização profissional e ao exercício da docência. Isso nos faz pensar que se torna premente que os futuros professores, desde sua formação inicial (na graduação), identifiquem fatores protetivos que os auxiliem buscar recursos para que possam superar os desafios encontrados no percurso acadêmico e, futuramente, quando se depararem com outros tantos que permeiam o trabalho docente.

Para melhor compreensão da forma como está estruturado esse texto, a seguir, apresenta-se o percurso metodológico realizado na pesquisa, seguido do estudo dos dados encontrados e, por fim, considerações finais.

PERCURSO METODOLÓGICO

Para a realização deste estudo, buscou-se o diálogo com estudantes de Cursos de Licenciatura, matriculados em alguma disciplina na Faculdade de Educação da UFJF em que aconteceu esta pesquisa. O caminho metodológico escolhido foi de caráter qualitativo, exploratório e descritivo (Gil, 2010). Na primeira etapa, foi proposta aos estudantes de Cursos de Licenciatura Química, História, Letras, Geografia, Educação Física, Artes Visuais, Ciências Humanas, Pedagogia, Artes e Design a realização de cinco encontros de grupo focal em que se discutiu sobre fatores estressores, protetores e promotores de resiliência.

Nesta primeira etapa da pesquisa, a proposta foi realizada com um grupo com um total de 12 (doze) participantes. Desses participantes, 07 (sete) são do gênero feminino e 05 (cinco) do gênero masculino com faixa etária entre 19 a 27 anos de idade. A participação dos doze participantes foi voluntária, atendendo aos critérios de inclusão estabelecidos, tais como:

- cursar uma licenciatura nos cursos de Química, História, Letras, Geografia, Educação Física, Artes Visuais, Ciências Humanas, Pedagogia, Artes e Design;
- estar devidamente matriculado e frequente em alguma disciplina dos cursos de Licenciatura;

- ser maior de 18 anos
- ter assinado, após a leitura, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), visto que essa pesquisa teve aprovação do Comitê de Ética.

É importante destacar que este artigo mantém a anonimização dos participantes da pesquisa. Portanto, quando precisarmos referir-nos as suas identidades ou trazer os dados coletados que identifique vossas autorias, criamos, então, pseudônimos ou nomes fictícios para não haver nenhum paralelo de identificação dos participantes da pesquisa durante análise dos dados, nem tampouco na publicação dos dados da pesquisa.

Na segunda etapa, procedeu-se o estudo dos dados registrados durante os grupos focais, buscando como aporte teórico-metodológico a teoria da Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl (Frankl, 2008, 2011 e 2019) com as indicações dos princípios do Paradigma Indiciário proposto por Ginzburg (1989). Entende-se ser importante mostrar um pouco sobre o Paradigma Indiciário (Ginzburg, 1989) e a teoria da Logoterapia e Análise Existencial (Frankl, 2008, 2011 e 2019) neste artigo, o que faremos a seguir.

ESTUDOS SOBRE O PARADIGMA INDICIÁRIO, LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL: CONTRIBUIÇÕES PARA A PESQUISA

O psiquiatra vienense Viktor Frankl (1905-1997) foi o criador da Logoterapia e da Análise Existencial. Este psiquiatra passou por vários campos de concentração na Segunda Guerra Mundial como Auschwitz, Dachau dentre outros entre os anos de 1942 e 1945, tendo a oportunidade de vivenciar na vida cotidiana suas hipóteses teóricas.

A Logoterapia é considerada a terceira escola vienense de psicoterapia. As escolas anteriores eram a Psicanálise de Freud e Psicologia Individual de Adler. Apesar dessas duas últimas teorias trazerem contribuições para a Logoterapia, segundo Frankl (2019), elas desconsideram o ser humano na sua integralidade. Dessa forma, Frankl (2019) considera o ser humano integral, formado pelas dimensões corpóreo-psíquico-espiritual. O ser humano para Frankl (2019) é constituído por essas três dimensões que são interligadas, constituído-se, assim, uma unidade.

É importante ressaltar que a dimensão espiritual é chamada de noética, pois *nous* vem do grego e significa espírito. Nessa dimensão manifestam fenômenos próprios do ser humano como a liberdade, a responsabilidade, o sentido da vida, a busca pelo sentido entre outras.

Além disso, Frankl (2019) considera o ser humano como único e irrepetível, sendo que a questão da unicidade confere ao ser humano a capacidade de ser livre para tomar decisões e agir, sendo responsável por suas ações. Nesse sentido, mesmo diante dos condicionantes biológicos, psíquicos e sociológicos, o homem tem a liberdade para decidir e se posicionar diante dos acontecimentos da vida, o que Frankl (2008) chama de liberdade de vontade.

Outro pilar da Logoterapia e a Análise Existencial refere-se ao sentido da existência humana e a busca desse sentido pela pessoa, constituindo, assim, a sua força motriz. Frankl (2019) afirma que o sentido da vida é algo subjetivo e pode ser mudado a cada momento da vida da pessoa.

O sentido que perpassa cada experiência na vida é fundamentado por valores que Frankl (2019) denomina como valores de criação, vivenciais e atitudinais. Quanto ao primeiro, é realizado quando a pessoa dá de si mesma para o mundo, como o trabalho; os valores de experiência ou vivência, acontecem diante daquilo que a pessoa recebe do mundo como a experiência com a natureza; e, os valores de atitude, dizem respeito à ação que tomamos frente ao sofrimento inevitável. Tais valores podem resultar em atitudes otimistas e esperançosas perante aos desafios da vida.

Mesmo que o ser humano não esteja livre das adversidades da vida como o falecimento de um ente querido, o acometimento de alguma doença entre outras situações, está livre para se posicionar de forma positiva diante das situações pelas quais passa, numa atitude de superação e tendo a oportunidade de enxergar o problema de outra forma se distanciando dele.

Essa capacidade de distanciar de si mesmo e das adversidades da vida, visualizando-as sob outro ângulo é chamada por Frankl (2019) como autodistanciamento. A capacidade do autodistanciamento pode ser manifestada através do humor, ou seja, na capacidade de rir apesar das dificuldades. Quando o ser humano é capaz de rir das situações pode ser capaz também de distanciar-se delas.

Esses elementos são importantes para que os estudantes consigam superar não só os desafios da vida acadêmica, mas aqueles que encontram em suas próprias vidas. Além disso, torna-se relevante encontrar os motivos que fazem com que os estudantes permaneçam em seus cursos, constituindo, assim, fatores protetivos.

Sobre o Paradigma Indiciário, de acordo com Ginzburg (1989), apesar de ter raízes antigas, começou a ter maior expressão nas ciências humanas a partir do século XIX e refere-se à análise de uma determinada situação ou acontecimento a partir de “[...] pistas, sintomas e indícios” (Ginzburg, 1989, p. 154).

Como o parágrafo acima acaba com uma citação e no outro já vem uma outra citação do mesmo autor, é pertinente que o autor faça aqui um novo parágrafo para problematizar a primeira citação para depois entrar na outra citação com um parágrafo de no mínimo de 4 linhas.

Segundo Ginzburg (1989, p. 152), “o que caracteriza esse saber é a capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente”. Dessa forma, cabe ao pesquisador estudar as situações buscando sinais e indícios, como um detetive que aprendeu a interpretar, a classificar e a registrar pistas ínfimas.

O estudo dos dados das narrativas construídas durante o grupo focal, a partir da transcrição das gravações em áudio, buscaram-se indícios (Ginzburg 1989) da existência de fatores protetivos e/ou fatores estressores nos modos de ser e estar dos estudantes na universidade.

Nessa etapa, além de estudar as falas dos participantes do grupo focal, procurou-se estabelecer um diálogo com Accorsi (2015), Vicente (2015), Coulon (2017), Rigo (2016), Paz, (2016), Sampaio, Stobäus e Baez (2017), Campos (2018), Maia (2018) e com os conceitos da Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl.

SENTIMENTOS DE PERTENCIMENTO E NÃO PERTENCIMENTO NA VIDA ACADÊMICA: ESTUDO A PARTIR DE GRUPO FOCAL

Apesar de termos realizados 05 (cinco) encontros de grupo focal, opta-se por trazer apenas o primeiro, pois este encontro foi o pontapé inicial para os demais, suscitando, assim, sentimentos que entendemos ser pertinentes de serem descritos como os de pertencimento e não pertencimento à vida acadêmica.

O primeiro encontro de grupo focal foi iniciado com a apresentação dos participantes. Em outras palavras, alguns estavam tímidos; outros, apreensivos. Por isso, pedimos que os estudantes se apresentassem primeiro, até para quebrar o gelo e, em seguida, realizamos o mesmo movimento.

Conversamos com eles sobre a pesquisa, isto é, como surgiu, objetivos, metodologia e acrescentamos “[...] até aqui trilhamos um caminho teórico, mas, a partir de agora, teremos a companhia de vocês, pois são os participantes da pesquisa” (Excerto da gravação das narrativas do grupo focal, 2020, s/p.).

Na sequência, falamos um pouco sobre o tema deste primeiro encontro (pertencimento). Começamos com a seguinte narrativa:

Como falamos para vocês, somos integrantes do Grupo Acolhe e temos promovido rodas de conversa com estudantes da UFJF. Numa delas, surgiu o tema pertencimento como fator protetor, mas também o não pertencimento como fator estressor (Excerto da gravação das narrativas do grupo focal, 2020, s/p).

Perguntamos-lhes, em seguida, os seguintes questionamentos:

Quando falamos sobre pertencimento e não pertencimento qual sentimento vocês tiveram? Que experiências vocês têm sobre esse tema? Nós queremos saber o que pensam sobre esse assunto (Excerto da gravação das narrativas do grupo focal, 2020, s/p).

Assim que terminamos de realizar as perguntas, o estudante João¹ se manifestou com o seguinte enunciado:

Sobre pertencimento, na Educação Física, tem muito isso, principalmente quando você conhece as turmas não pelo número do período, mas pelos nomes das salas. Por conta dos jogos interperíodos, a gente cria nomes, faz camisa etc. E isso faz com que cada um de nós se sinta pertencente à turma e é mais fácil continuar o curso. Alguns, no entanto, não se sentem tão pertencentes e acabam ficando um pouco pra trás. O que segura a onda aqui na faculdade é saber que tem gente que você pode contar na hora que está apertado e tal (Excerto da gravação das narrativas do grupo focal, 2020, s/p).

¹ Como dito anteriormente, toda identidade ao longo do escrito do artigo é fictícia para manter o anonimato dos participantes.

Quando João terminou a sua fala, José levantou a mão e começou a falar. Percebemos que iniciou com entonação baixa, talvez, um pouco tímido e inseguro, mas foi aumentando o seu tom de voz à medida que ganhava confiança.

Então, isso é uma coisa que ajuda a superar bastante – a questão dos amigos. Porque a gente é muito próximo, um sempre ajudando o outro e, nos momentos bons e ruins, a gente nunca se abandonou e isso ajudou bastante a superar os desafios da faculdade (Excerto da gravação das narrativas do grupo focal, 2020, s/p).

José ressaltou em sua fala a importância de sua família: “[...] a minha família, apesar de estar longe deles, tipo um mês e meio sem ir em casa, família ajuda muito” (Excerto da gravação das narrativas do grupo focal, 2020, s/p). João concordou com José e ressaltou a importância da família.

[...] outra coisa que ajuda é a família. Na hora que está muito ruim, minha mãe e meu pai sentam e conversam comigo, dão dicas. Falam assim se não der a gente vê o que vai fazer e tal, mas a minha família ajuda bastante. Minha família é o top 2! (Excerto da gravação das narrativas do grupo focal, 2020, s/p).

Mediante os relatos dos estudantes João e José, observa-se que o sentimento de pertencimento pode constituir fator protetor e estar correlacionado com o apoio dos colegas e da família. João, estudante de Educação Física, ressaltou que o fato de criar nomes para as salas permite criar um vínculo afetivo não só com os colegas, mas com o curso. Quando este vínculo afetivo entre os colegas não acontece torna-se um pouco mais difícil para o estudante permanecer no seu curso.

Atentas às falas, buscamos o diálogo com as pesquisas de Accorsi (2015) e Vicente (2015) que apontam o sentimento de pertencimento como um dos principais fatores que tem contribuído para a permanência dos alunos na universidade. Também consideram determinante a rede de apoio composta por família, colegas de curso e até mesmo amigos de outros cursos.

Frankl (2011) nos traz uma importante contribuição, pois aponta que um dos valores possíveis do ser humano realizar refere-se ao valor da experiência, que diz respeito a algo que a pessoa recebe do mundo. Como exemplo, podemos citar a experiência de amar e ser amado. O amor configura-se como um dos caminhos para se descobrir o sentido na vida. No caso desses estudantes, o amor manifestado na forma de companheirismo dos amigos(as) e da família constitui fator de proteção para que possam enfrentar os desafios na vida acadêmica.

De acordo com os relatos de João e José, são os amigos e a família que dão conselhos e, até mesmo, suporte para que possam vivenciar as novas situações do Ensino Superior e continuar a trilhar os seus caminhos na universidade. Quando os estudantes ingressam no Ensino Superior experimentam um “[...] tempo de estranheza, ao longo do qual se sentem separados de um passado familiar que eles devem esquecer” (Coulon, 2017, p. 8). Dessa forma, vivenciam situações novas no ambiente acadêmico como regras, ritmo de aulas, exigência dos professores, entre outros que os provocam até mesmo questionar o que fazem ali. Por isso, o vínculo afetivo formado pelos amigos do curso é importante no enfrentamento desses desafios.

Com relação o quanto a amizade auxilia no enfrentamento dos desafios inerentes à vida acadêmica, José complementou:

Reclamar é legal que o outro reclame também, porque você acha que tá ruim só pra você. Aí, o cara chega e fala: "Pô, não tô aguentando, não sei o quê, não sei o quê"... (Risos) Pô, tô sentindo a mesma coisa, não sou só eu. Aí essa amizade na hora ruim te levanta, aí os dois reclamam juntos, mas vai fazendo, sacô? Pessoal fala que não é legal reclamar, mas é bom (Mais risos) (Excerto da gravação das narrativas do grupo focal, 2020, s/p).

José ressaltou que até mesmo nos momentos difíceis é preciso reclamar e desabafar, a amizade ajuda no processo de estudo. Observa-se que, neste momento, todos os participantes, apesar de rirem bastante, concordaram que reclamar, tendo o apoio dos amigos é gratificante.

Frankl (2008, p. 29) chama "[...]" a tentativa de enxergar as coisas numa perspectiva engraçada como vontade de humor". No seu entendimento, constitui "[...]" um truque útil para a arte de viver" (Frankl, 2008, p. 29) já que permite um distanciamento do problema e permite enxergá-lo sob outra perspectiva.

Por isso, o humor constitui para Frankl (2008), como uma das manifestações do autodistanciamento que possibilita ao sujeito compreender a situação pela qual está passando e assim dominá-la. No caso desses estudantes, torna-se um recurso para que possam se distanciar, compreender as adversidades do Ensino Superior e, assim, superá-las.

Ressaltamos na fala de José o ato de reclamar. Essa ação permite criar uma dinâmica de pertencimento, uma vez que os estudantes percebem que, ao realizarem esse movimento, vínculos começam a ser criados entre eles. Assim, reclamar não é um ato puro e simples. Pelo contrário, é uma busca de identificação, apoio e quiçá de exemplos (O que você fez? ; O que você faria?). Reclamar, nesse contexto, se relaciona com a capacidade de empatia, ou seja, "[...]" a potencialidade de pensar e elaborar um apoio, social ou afetivo, ao outro, de ser, estar e ter uma cumplicidade com a situação do outro" (Formiga, 2012, p. 2).

Coulon (2017, p. 8) afirma que os estudantes passam, por um período denominado *tempo da aprendizagem*. Essa etapa é marcada por dúvidas, incertezas e ansiedades, já que eles perdem a referência do passado escolar (Ensino Médio) e não dominam por completo as demandas do Ensino Superior. É preciso, portanto, uma aprendizagem complexa que pode ser estabelecida através da identificação, da empatia e dos exemplos dos colegas, compartilhados no ato de reclamar.

Após esse primeiro momento, começamos a perceber que os estudantes estavam mais descontraídos. Joana se sentiu encorajada e nos disse as seguintes palavras. A saber:

[...] eu me senti muito mais pertencente ao curso e aí eu tive muito mais contato com uma professora que é orientadora nessa monitoria. Isso me ajudou um tanto assim, até passar por uma fase meio ruim que eu estava enfrentando (Excerto da gravação das narrativas do grupo focal, 2020, s/p).

João, incentivado pelo relato de Joana, acrescentou:

eu me sinto pertencente até porque eu faço parte de um projeto que chama PET² e, durante o ano, a gente tem diversos encontros nacionais, daqui da universidade mesmo e regionais. Então, durante esses encontros, a gente já viajou pro Brasil inteiro e vai tendo contato com pessoas de outros cursos (Excerto da gravação das narrativas do grupo focal, 2020, s/p).

Lara, se sentindo motivada pela fala dos colegas, completou:

[...] me senti até mais pertencente quando eu entrei na monitoria e, mais recentemente, quando eu passei pela PROAE³, pelo apoio psicológico e pelo HU⁴ também. Foram coisas que me ajudaram a sentir um pouco mais pertencente, não querer mais desistir" (Excerto da gravação das narrativas do grupo focal, 2020, s/p).

Refletindo sobre os relatos dos estudantes, percebemos que, no caso de Joana, o fato de participar da monitoria e ter um contato mais próximo com a professora fez com que ela se sentisse pertencente ao seu curso e, até mesmo, superasse dificuldades pessoais. A monitoria e os grupos de pesquisa auxiliaram os estudantes João e Lara. Dessa forma, a partir dos relatos, outro fator que demonstrou ser importante no quesito *pertencimento* refere-se à participação em atividades além do ensino na sala de aula, como, por exemplo, em monitorias e em grupos de pesquisa.

Como afirma Accorsi (2015), além da boa convivência entre os estudantes, outro fator considerado determinante de saúde refere-se à participação nos centros acadêmicos. Para os estudantes João, Joana e Lara, a participação em monitoria, no Programa Especial de Treinamento (PET) e no apoio psicológico foi determinante para se sentirem pertencentes aos seus cursos, atribuindo-lhes um novo significado, ou seja, um novo sentido. Quanto a esta questão, Frankl (2011, p. 50) denomina como vontade de sentido, ou seja, "o esforço mais básico do homem na direção de encontrar e realizar sentidos e propósitos". A participação nas monitorias, em centros acadêmicos e em outros espaços, favoreceu os estudantes a encontrarem um novo sentido ao realizar seus cursos.

Rigo (2016), Estrela, Rezende, Guedes *et al.* (2018), Medeiros, Camargo, Barbosa *et al.* (2018) e Vicente (2015) complementam afirmando que os alunos terão que se adaptar a uma série de novas regras e exigências para se sentirem pertencentes ao meio acadêmico. Dessa forma, ressaltam a importância da criação de políticas institucionais de acompanhamento que favoreçam a permanência dos estudantes na universidade. No caso de Lara, as ações institucionais, como o apoio da PROAE, o apoio psicológico e o atendimento no HU foram determinantes para sua permanência no curso.

² O Programa Especial de Treinamento (PET) é composto por grupos tutoriais de aprendizagem e busca propiciar aos alunos, sob a orientação de um professor tutor, condições para a realização de atividades extracurriculares que complementem a sua formação acadêmica.

³ A Pró-Reitoria de Assistência Estudantil (PROAE) é o espaço dentro da estrutura da Universidade que se dedica a formular, implantar e acompanhar políticas de assistência estudantil.

⁴ Hospital Universitário.

A participação em monitorias e grupos de pesquisa, além de possibilitar uma maior aproximação entre os alunos e os professores, permite ao estudante chegar ao “[...] tempo da afiliação” (Coulon 2016, p. 1247). Em outras palavras, a aprender a utilizar as regras e códigos institucionais importantes ao seu “[...] ofício de estudante” (Coulon 2016, p. 1247).

Por outro lado, quando se dá o reverso do pertencimento, ou seja, o não pertencimento, segundo os participantes da pesquisa, resulta em fator estressor e de adoecimento. Sobre isso, José fez o seguinte relato.

Pertencimento pra mim que sou de fora é ter sentimento de pertencimento em relação à cidade. Quando você chega aqui é diferente. Então, se você não se sentir bem no local em que você está, acho que é mais difícil de você conseguir manter o seu curso (Excerto da gravação das narrativas do grupo focal, 2020, s/p).

O primeiro aspecto ressaltado por José sobre o não pertencimento foi a mudança de cidade. Para pensar sobre esse assunto, retomamos o estudo de Rigo (2016) sobre evasão nos cursos de licenciatura, que aponta como um dos fatores propulsores a distância da família. A falta do aconchego da família, o sentimento de estar sozinho numa cidade estranha, os desafios ante a adaptação no ritmo e as regras da nova cidade somados ao ingresso na universidade são fatores que geram estresse, adoecimento e, muitas vezes, levam o estudante a desistir do curso.

Como a mudança de cidade traz inseguranças e medo para o estudante, a mudança do Ensino Médio para o Ensino Superior traz angústias e expectativas nem sempre correspondidas. Tais como foi relatado por José.

Igual quando você chega, tem aquelas reuniões de calouro, tem essas rodas de conversa. Apesar de que eu acho que enquanto calouro essas informações chegam muito espaçadas... Você não tem maturidade para processá-las... Então acaba que você fica perdido, acaba que você não cria tanto pertencimento com a instituição. [...] Às vezes, não sei que habilidade, aí depende de cada área fazer ser viável, mas fazer blocos em cada faculdade, não fazer algo num geral, porque aí as pessoas se identificam mais com aquelas pessoas do seu próprio curso. Parou um pouco antes de prosseguir: [...] Se faz grupos dentro das faculdades fica mais fácil pra depois você levar pro macro e juntar aqueles grupos (Excerto da gravação das narrativas do grupo focal, 2020, s/p).

Pensando na questão levantada por José sobre os desafios que os discentes enfrentam ao ingressar na universidade, ressaltamos a pesquisa de Accorsi (2015) que aponta diversas situações as quais estudantes vivenciam e que são consideradas geradoras de estresse e adoecimento, como a chegada na universidade pela primeira vez. Esse momento é considerado desafiador por ser um período de adaptação a um ambiente novo, além de questionamentos sobre o curso e a carreira escolhida que podem vir acompanhados de medo, insegurança e de não corresponder a uma demanda crescente de responsabilidade.

José relatou que sente falta de um acolhimento mais personalizado nessa etapa inicial do curso por parte da instituição e sugeriu que estas ações devam ser primeiramente efetivadas em cada faculdade, para depois, se estender a toda universidade, ou seja, do micro para o macro.

De acordo com Coulon (2017), ao ingressar na universidade, o estudante acredita equivocadamente que existe uma continuidade entre o Ensino Médio e o Ensino Superior, o que gera uma série de dificuldades. Assim, ao entrar na universidade, o estudante se depara com uma série de rupturas.

[...] nas condições de existência, que geram, frequentemente, inquietações e condutas que levam ao fracasso; rupturas na vida afetiva, com a passagem a uma vida mais autônoma em relação à família; em particular, uma ruptura relativa às regras de apropriação do saber (Coulon, 2017, p. 1242).

O aluno que sai do Ensino Médio precisa aprender o “[...] ofício de estudante” (Coulon, 2017, p. 1242), descobrindo novas regras e rotinas, ou seja, “[...] os novos códigos da universidade” (Coulon, 2017, p. 1242). Outro teórico que corrobora com este pensamento é Rigo (2016), quando afirma que, para os estudantes se sentirem pertencentes ao meio acadêmico, é necessário se adequar a uma série de novas regras e contratos. Portanto, “[...] o problema, atualmente, não é entrar na universidade, mas nela continuar” (Rigo, 2016, p. 101).

Por conseguinte, estávamos refletindo sobre as impressões de José, quando Joana relatou que, para ela, um dos fatores que contribui para o sentimento de não pertencimento refere-se à competitividade.

[...] Tem muito isso... uma briga de egos sobre ser artista. Você é artista. Se você não é artista, o que você está fazendo aqui? E corroborando com a fala de Joana, Ana completou: [...] mas ao mesmo tempo tem toda essa questão de: Ah, você é artista e você não é artista” (Excerto da gravação das narrativas do grupo focal, 2020, s/p).

Lara concordou com a Ana ao dizer que “[...] fica uma briga muito grande de quem é mais acadêmico do que o outro, muita competitividade, então eu não me sinto nem um pouco incluída e nem quero me sentir parte daquilo, sabe?” (Excerto da gravação das narrativas do grupo focal, 2020, s/p).

Percebemos que a questão da competitividade gerou incômodo aos participantes da pesquisa. De acordo com os estudos de Paz (2016), os Cursos de Licenciatura são espaços acadêmicos em que acontecem disputas de poder entre indivíduos, grupos ou até mesmo subgrupos.

[...] é somente nessas relações de luta e de poder – na maneira como as coisas entre si, os homens entre si se odeiam, lutam, procuram dominar uns aos outros, querem exercer, uns sobre os outros, relações de poder – que compreenderemos em que consiste o conhecimento (Foucault, 1996, p. 23).

Contudo, segundo Paz (2016), é preciso considerar que, como há poder, há resistência. Pode-se observar que, mesmo com a competitividade e a disputa de poder em seus cursos, Joana, Ana e Lara seguem os seus percursos acadêmicos não evadindo. Pelo contrário, resistem a esses desafios e adversidades.

Frankl (2011) nos chama a atenção sobre a necessidade de tensão em nossas vidas. De acordo com este autor, o ser humano necessita de tensões que o estimulem a se mover do ser

ao dever-ser, o que ele denomina de noodinâmica. Dessa forma, o sentido de vida para Frankl (2011, p. 81) é entendido como algo “que se tenciona, seja por uma pessoa que me pergunta algo, seja por uma situação que encerra uma pergunta e clama por resposta”. E, quando o ser humano é poupado de tensões em sua vida, acaba por criá-las artificialmente, através da exposição às situações de estresse. A competitividade, em certo sentido, pode constituir um elemento estimulador para que o estudante se empenhe e se dedique ao seu curso, superando os desafios existentes no âmbito acadêmico. No entanto, quando a pressão da competitividade se torna excessiva, gerando rivalidade, pode ter efeito contrário, causando estresse, fracasso e desistência.

A estudante Maria, após as falas das colegas, levantou outra questão.

Eu desisti do curso durante um ano. Nos três primeiros períodos da faculdade, eu não ia muito bem nas matérias e ... – fez uma pequena pausa – não tinha dinheiro pra vir pra cá e morava do outro lado da cidade. Então, tinha que sair geralmente três horas antes das aulas começarem pra não correr risco de chegar atrasada. Isso fez eu começar a desistir e, talvez, pensar que não tivesse pronta pra estudar as coisas que eu tinha que estudar. Logo que eu arrumei um emprego eu abandonei a faculdade, não pensei em trancar nem nada...” (Excerto da gravação das narrativas do grupo focal, 2020, s/p).

Maria trouxe em seu relato uma reflexão sobre a dificuldade financeira e a (im)possibilidade de conciliar trabalho e estudo. De acordo com Accorsi (2015), Paz (2016), Sampaio, Stobäus e Baez (2017), Campos (2018) e Maia (2018), um dos principais motivos que levam a evasão é a falta de recursos financeiros implicada pela dificuldade de conciliar trabalho e estudo. Isso porque as situações apontadas acarretam cansaço físico e mental, interferindo no desempenho acadêmico dos estudantes, como relatou Maria.

A questão da dificuldade financeira surgiu como fator de inquietação entre os estudantes, quando em relação ao curso escolhido e ao futuro profissional. João relatou que “queria fazer a Licenciatura, mas ficava meio com pé atrás por causa de questão salarial, por causa de preconceitos... Até que eu parei e pensei: é isso o que eu vou fazer” (Excerto da gravação das narrativas do grupo focal, 2020, s/p).

Ana ressaltou:

Eu já pensei em mudar de curso algumas, várias vezes, assim, mas acho que a maioria das pessoas do meu curso passa por isso quando se depara com a questão: “Como eu vou me sustentar, o que vou fazer da minha vida, quais são as possibilidades do mercado de trabalho para mim?. Então foram por essas questões que eu pensei em desistir” (Excerto da gravação do grupo focal, 2020, s/p).

Joana, um pouco pensativa e com a voz meio melancólica, complementou que há “[...] um pouco dessa coisa de ser difícil, você não sabe se vai ter emprego” (Excerto da gravação das narrativas do grupo focal, 2020, s/p). Maria reforçou dizendo que “[...] quanto ao meu curso não sei se é ... tipo... tem alguma coisa nas Ciências Humanas, porque geralmente não é um curso muito valorizado” (Excerto da gravação das narrativas do grupo focal, 2020, s/p).

A partir dessas questões, revisitamos os estudos de Paz (2016) que apontam que a desvalorização da profissão docente é um dos motivos encontrados que levam os estudantes a evadirem dos cursos escolhidos. Sampaio, Stobäus e Baez (2017) complementam o pensamento de Paz (2016) afirmando que a falta de valorização profissional, o sentimento de insegurança com a docência, entre outros, são os principais fatores estressores, o que pode comprometer o rendimento acadêmico.

Nessa mesma vertente, Campos (2018) e Maia (2018) afirmam que a desvalorização da profissão docente é uma das principais razões que justifica a evasão acadêmica. Maia (2018), ao buscar modificar esse quadro, propõe o Plano de Articulação que, dentre outras ações, sugere a inserção dos estudantes formados nas licenciaturas nos programas de pós-graduação.

Sugiro ao autor fazer um parágrafo final fechando esta parte da análise, mas dizendo ao leitor o que essa análise gerou de fato nos participantes. Dizer que foi algo reflexivo não é problematizar o problema e revelar dados da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este grupo focal foi importante e enriquecedor para pesquisa. Além de permitir conhecer um pouco mais sobre os(as) estudantes com seus desafios e as possibilidades na vida acadêmica, possibilitou apreender que, sobre pertencimento, os principais fatores destacados como protetivos são a família; os amigos; a participação em monitorias; os projetos de pesquisa e o apoio institucional, como é o caso da PROAE e do HU. Já os principais fatores considerados estressores e de adoecimento, por sua vez, são a mudança de cidade; a falta de recursos financeiros; as dificuldades relacionadas à apreensão do conteúdo; a impossibilidade de conciliar trabalho e estudo; a competitividade e a desvalorização da profissão docente.

De forma parecida, todos apontaram o pertencimento enquanto fator protetivo relacionado ao apoio de amigos e familiares, além da participação em grupos de pesquisa. Quanto aos fatores estressores é importante destacar que as situações citadas anteriormente como a adaptação à cidade, no caso de estudantes que vieram de outras regiões, adequação ao ensino superior e dificuldades financeiras foram ressaltadas em diferentes pesquisas, estados e, até mesmo, países.

Para finalizar, conclui-se que essa pesquisa possibilitou conhecer quais fatores são estressores e, principalmente, protetivos, o que pode auxiliar na prevenção do adoecimento mental dos estudantes dos cursos de licenciatura. No entanto, faz-se mister a continuidade e aprofundamento desse estudo

REFERÊNCIAS

ACCORSI, M. P. **Atenção psicossocial no ambiente universitário: um estudo sobre a realidade dos estudantes de graduação da Universidade Federal de Santa Catarina**. 105 f. 2015. Dissertação (Mestrado Profissional em Saúde Mental e Atenção Psicossocial) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

BARRETO, K. C. C. **As cotas nos cursos de licenciatura presenciais da Universidade Federal de Goiás: a questão do reconhecimento**. 113 f. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

CAMPOS, L. C. **Políticas de permanência estudantil em cursos de licenciaturas no período de 2007 a 2017: a experiência da Universidade Federal do Triângulo Mineiro**. 225 f. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

COULON, A. O ofício de estudante. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 43, n. 44, p. 1239-1250, 2017.
ESTRELA, Y. C. A, REZENDE, A. C. C., GUEDES, A. F. *et.al*. Estresse e correlatos com características de saúde e sociodemográficas de estudantes de Medicina. **CES Med**. Bogotá, vol. 32, n. 3, p. 215-225, 2018.

FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU/PUC-Rio, 1996.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. Petrópolis: Vozes, 2008.

FRANKL, V. E. **A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da Logoterapia**. São Paulo: Paulus, 2011.

FRANKL, V. E. **Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial**. São Paulo: Quadrante, 2019.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MAIA, G. L. **Indicadores de evasão e baixa procura nos Cursos de Licenciatura do IFFAR – Campus São Vicente do Sul: Rearticulações na Gestão**. 265 f. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Políticas Públicas e Gestão Educacional) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

MEDEIROS, M. R. B.; Camargo, J. F.; Barbosa, L. A. R. *et al*. **Saúde Mental de Ingressantes no Curso Médico: uma abordagem segundo o sexo**. **Rev. Bras. Educ. Med**. Brasília, vol. 42, n. 3, p. 214-221, 2018.

PAZ, C. T. N. **As trajetórias estudantis em licenciaturas com baixas taxas de diplomação: tendências e resistências**. 212 f. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

RIGO, J. S. **Percursos de formação de estudantes de licenciatura noturna na UFV: ENEM, SISU e evasão.** 130 f. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2016.

ROCHA, C. S. **Por que eles abandonam? Evasão de bolsistas do PROUNI dos Cursos de Licenciaturas.** 133 f. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015.

SAMPAIO, A. A.; STOBÄUS, C. D.; BAEZ, M. A. C. Vivências de mal-estar na transição da licenciatura à docência. **Movimento Revista de Educação Física da UFRGS**, Porto Alegre, vol. 23, n. 3, p. 975-988, 2017.

VICENTE, R. G. J. **Trajетórias Educacionais bem-sucedidas: o reverso da evasão.** 127 f. 2015. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

SOBRE AS AUTORAS

RAQUEL RINCO DUTRA PEREIRA

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). É professora da educação básica na Rede Municipal de Ensino de Juiz de Fora, estado de Minas Gerais. Integrante do Grupo Acolhe: Estudos e Pesquisa em Educação, Desenvolvimento e Integralidade Humana (FACED-UFJF).

E-mail: raquelrincodutra@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-7727-1752>

SANDRELENA DA SILVA MONTEIRO

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professora no Departamento de Educação e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Coordenadora do Grupo Acolhe: Estudos e Pesquisa em Educação, Desenvolvimento e Integralidade Humana (FACED-UFJF).

E-mail: sandrelena.monteiro@ufjf.br

 <https://orcid.org/0000-0002-4920-6160>

SOBRE ESTE ARTIGO

HISTÓRICO

Recebido em: 24/10/2024 | Aprovado em: 17/11/2024 | Publicado em: 20/11/2024

LICENCIAMENTO

Este artigo é publicado na modalidade Acesso Aberto sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 (CC-BY 4).

COMO CITAR

PEREIRA, R. R. D.; MONTEIRO, S. da S. Narrativas de encontros e aprendizados na/da vida acadêmica. **Revista Formação**, v. 1, e004.

EDITOR RESPONSÁVEL

Jonathas de Paula Chaguri (UPE)

E-mail: jonathas.chaguri@upe.br

 <https://orcid.org/0000-0002-7525-9653>